



Esboços: Histórias em Contextos Globais

ISSN: 2175-7976

Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil

Chermont, Lucia

A REVISTA AONDE VAMOS? PUBLICA O RELATÓRIO KRUSCHEV

Esboços: Histórias em Contextos Globais, vol. 28, núm. 48, 2021, Maio-Agosto, pp. 308-326

Universidade Federal de Santa Catarina, Brazil

DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2021.e78132>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=594073154004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

A REVISTA *AONDE VAMOS?* PUBLICA O RELATÓRIO KRUSCHEV

The magazine *Aonde Vamos?* publishes the Khrushchev report

Lucia Chermont^a

 <https://orcid.org/0000-0003-3374-2230>
E-mail: lucichermont@gmail.com

^a Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Franca, SP, Brasil

DOSSIÊ
Internacionalismo e história global

RESUMO

A revista *Aonde Vamos?* (1943-1977), um semanário carioca publicado pela comunidade judaica com forte viés crítico e ideológico vinculado à direita sionista, veio à luz durante um período de grandes transformações marcado pela integração e afirmação judaica frente ao legado do Holocausto e às tensas expectativas advindas da recente fundação do Estado de Israel. Este artigo analisa a publicação pioneira e na íntegra do relatório Kruschev pela revista *Aonde Vamos?* entre 21 de junho e 19 julho de 1956. O relatório tinha sido apresentado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 14 de fevereiro do mesmo ano e expunha abusos do período stalinista soviético. Este artigo objetiva trazer à luz como a circulação de ideias e de informações era intensa e possuía caráter transnacional, além de ressaltar como essas ideias e informações eram carregadas de significados e representações para determinadas linhas ideológicas da comunidade judaica. A partir de um aporte teórico-metodológico da História Cultural e das Representações, buscou-se compreender os usos e as representações do documento pela imprensa judaica brasileira, assim como o posicionamento dela frente ao relatório e o sentido e significado de sua publicação na revista *Aonde Vamos?*.

PALAVRAS-CHAVE

Imprensa judaica no Brasil. História Contemporânea. História Transnacional.

ABSTRACT

The magazine *Aonde Vamos?* (1943-1977), a weekly Rio de Janeiro publication by the Jewish community, with a strong critical and ideological bias, linked to the Zionist right, emerged during a period of great transformations, such as the integration and affirmation of this group in the face of the tragic legacy of the Holocaust and the tense expectations arising from the recent foundation of the State of Israel. This article analyzes the pioneering and full publication of the Kruschev report by the magazine *Aonde Vamos?* between June 21 and July 19, 1956. The report had been presented at the 20th Congress of the Communist Party of the Soviet Union on February 14 of the same year and exposed abuses of the Soviet Stalinist period. This article aims to shed light on how the circulation of ideas and information was intense and had a transnational character, in addition to highlighting how these ideas and information were loaded with meanings and representations for certain ideological lines of the Jewish community. Based on a theoretical-methodological contribution of Cultural History and Representations, we sought to understand the uses and representations of the document by the Brazilian Jewish press, as well as its position regarding the report and the meaning and value of its publication in the magazine *Aonde Vamos?*.

KEYWORDS

Jewish Press in Brazil. Contemporary History. Transnational History.

A história da imprensa judaica no Brasil está intimamente ligada à formação da comunidade israelita no país. Segundo Nachman Falbel (2008) foi apenas com a vinda da Família Real, em 1808, e em decorrência da Abertura dos Portos e do Tratado de Amizade e de Paz entre Portugal e Inglaterra, em 1810, que se tornou possível o estabelecimento de não católicos no Brasil. A imigração de judeus no país teve início nas primeiras décadas do século XIX. Contudo, segundo o demógrafo René Decol (1999), estes chegaram ao Brasil de forma sistemática e expressiva a partir da década de 1920, constituindo instituições perenes.

Os principais fluxos migratórios de israelitas são divididos entre os períodos Russo, Centro-Europeu e Pós-Guerra. No Período Russo (1881-1920), estimulada pelas manifestações antisemitas — os *pogroms* — teve início a imigração em massa. No Brasil, em 1904, a Jewish Colonization Association (ICA)¹ cria a colônia agrícola Phillipson no interior do Rio Grande do Sul. O Período Centro-Europeu (1920-1940) teve seu auge entre as duas grandes guerras e foi marcado pela ascensão da direita radical, fortemente nacionalista, do fascismo e do nazismo, regimes nos quais minorias eram vistas como ameaça. Já o Período do Pós-Guerra (após 1945) foi motivado pelo antijudaísmo crescente nos países árabes ao redor da Palestina, quando da criação do Estado de Israel em 1948. Sendo assim, de acordo com René Decol (1999), os judeus vieram para o Brasil de lugares diversos e em vários períodos.

Do ponto de vista espacial, a região Sudeste agrega a maior parcela das comunidades judaicas brasileiras, concentradas sobretudo nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A região Sul é a segunda mais significativa, principalmente o estado do Rio Grande do Sul, terceiro em número de judeus. Nesses estados, a comunidade está concentrada em maior parte nas regiões metropolitanas das capitais. A concentração judaica criou e gerou instituições sociais, religiosas, esportivas e outras para promover a sociabilidade e interação dessas comunidades. Um aspecto relevante foi a criação da imprensa judaico-brasileira, que exerceu um papel importante nesse processo.

Tendo em vista que os judeus que imigraram para o Brasil vieram de várias partes do mundo em momentos diferentes e, portanto, nem todos falavam a mesma língua. Os judeus do Leste Europeu falavam o ídiche e os judeus da Europa Ocidental, Norte da África e do Oriente Médio falavam as línguas de seus países de origem ou dialetos judaicos.² Estes imigrantes criaram boletins e periódicos nas línguas que lhes fossem aprazíveis para se comunicarem.³

O ídiche é um idioma derivado do germânico, com expressões derivadas de línguas de países da Europa Oriental, que usa o alfabeto hebraico na forma escrita. Ele era falado por quase a totalidade dos judeus da Europa Oriental até a Segunda

¹ Instituição filantrópica judaica inglesa que tinha como objetivo ajudar os judeus que estivessem em situação de opressão em seus países de origem. A ICA procurava retirar as famílias judias dos países opressores, adquirindo terras em outros locais mais favoráveis. Comprava terrenos para a construção de colônias agrícolas e ajudava na instalação dessas famílias. Antes do Brasil, a Argentina foi o local de instalação dessas colônias agrícolas.

² Como por exemplo, o *hakitia*, dialeto judeu-árabe falado pelas comunidades do Norte da África ou Magreb ou o ladino, o dialeto judeu-espanhol falado pelas comunidades originárias da Península Ibérica.

³ Dois exemplos: o jornal *Le Messager de St. Paul* (1901-1924), publicado em francês, em São Paulo, pela comunidade israelita de origem francesa ou francófona; e o jornal a *Crônica Israelita* (1938-1969), pertencente à Congregação Israelita Paulista, fundada por refugiados do nazismo que vieram para o Brasil, no primeiro ano publicado em alemão.

Guerra Mundial — quando essa população foi dizimada pelo Holocausto. A imprensa ídiche foi produzida no Brasil pelos judeus que vieram dos países da Europa Central e Oriental. Os primeiros periódicos surgiram em 1915, na cidade de Porto Alegre, com o *Di Menscheit* (A Humanidade); no Rio de Janeiro, em 1923, com o *Dos Iídiche Vochenblat* (O Semanário Israelita); e em São Paulo, em 1928, com o *Idicher Gezellschaftlicher un Handels Biuletin* (Boletim Social e Comercial Judaico). Tanto na comunidade carioca, como em São Paulo, surgiram vários tipos de publicações: jornais literários que divulgavam poesia, literatura de autores locais e clássicos da literatura ídiche; periódicos com finalidades sociais e culturais pertencentes aos movimentos juvenis; e também a imprensa “partidária”, que representava correntes ideológicas trazidas pelos imigrantes. No entanto, poucas dessas iniciativas tiveram vida longa.

Os primeiros periódicos judaicos em português foram criados pelos judeus de origem *sefaradi*,⁴ que não falavam o ídiche. O primeiro periódico judaico publicado em português no Brasil foi o jornal carioca *A Columna* (1916–1918), porém houve outras iniciativas que não tiveram vida longa. Com a ditadura do Estado Novo (1937–1945), a imprensa em língua estrangeira foi alvo da política de nacionalização. Os decretos de 1939 impunham a tradução para o português de artigos escritos na imprensa em língua estrangeira e restringiam e controlavam a quantidade e o conteúdo de todos os periódicos no Brasil. De forma complementar, os decretos de 1941 interditavam totalmente a publicação de jornais em língua estrangeira e inviabilizaram sua continuidade. Foi nesse período que surgiu a revista *Aonde Vamos?*, na cidade do Rio de Janeiro em 1941, voltada para a área de turismo.

Em 1943, Shabatai Karakuchanski⁵ e o advogado Isidoro Waisman, em parceria com Ladislau Vinhaes,⁶ compraram a *Aonde Vamos?* e transformaram-na numa revista direcionada à comunidade judaica brasileira.⁷ A contracapa da revista em sua edição de 11 de março de 1943 apresenta uma discreta chamada “Aos leitores”, onde informa que a publicação era então autônoma e aquele era o primeiro exemplar da nova fase. Ao que tudo indica, a aquisição do periódico se deu desta forma para contornar as restrições do governo brasileiro em conceder alvarás para novas publicações.

A revista *Aonde Vamos?* (1943–1977) era um semanário redigido em português, com conexões nacionais e transnacionais. Argumentamos que a revista *Aonde Vamos?* teve um papel importante na construção da dinâmica das representações e da circulação de informações dentro e fora da comunidade judaica brasileira, atuando

⁴ De maneira geral, os judeus podem ser divididos em três tipos, para os quais a religião é comum, mas as tradições são influenciadas pelo local onde eles viviam: os *asquenazim* (plural) são os judeus da Europa além-Pirineus (*Asquenaz* como os judeus medievais chamavam a região da Alemanha); os *sefaradim* (plural) são os judeus dos países em torno do Mediterrâneo (*Sefarad* como os judeus medievais chamavam a Península Ibérica), expulsos da Espanha em 1492; *mizrahim* (plural) são os judeus dos países árabes, principalmente do Oriente Médio. Dois terços da imigração judaica para o Brasil foram de judeus *asquenazim*.

⁵ Veio da Argentina onde era professor para juntar-se ao seu irmão no Rio de Janeiro. Atuou na imprensa em língua ídiche: foi redator do *Dos Iídiche Vochenblat* (RJ, 1923–1927), onde também publicava poesias; redator adjunto do *Brasilianer Iídiche Presse* (RJ, 1927–1929); redator de seções, articulista e financiador do *Iídiche Folkszeitung* (RJ, 1927–1940).

⁶ Ladislau Vinhaes era advogado, jornalista e brasileiro nato.

⁷ Relatório da Polícia Civil do Distrito Federal de 1943, realizado pelo chefe do serviço secreto, afirma que os proprietários da revista são: Ladislau Vinhaes, Bela Karakuschanski, esposa de Shabatai Karacuchanski (PMDF, 1943).

como um importante mediador cultural. Contava com assinantes e correspondentes nas principais cidades do país com comunidades judaicas organizadas, como São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, Belém, Manaus e Curitiba. Além disso, havia uma ampla rede transnacional de contatos com jornalistas e periódicos publicados em cidades estrangeiras, como Nova Iorque, Londres, Paris, Berlim e Buenos Aires. Dessa forma, a análise desse cenário pode contribuir para o entendimento das redes de mediadores e de circulação de ideias de interesse desse grupo e demais leitores dentro da perspectiva da História Global.

A revista posicionava-se, dentre as diversas correntes ideológicas trazidas pelos imigrantes, como simpatizante do revisionismo sionista, movimento fundado em Israel por Wladimir Jabotinski em 1923. O sionismo revisionista tinha intenção de refundar o movimento sionista sob novas bases, com caráter profundamente nacionalista, exigindo as terras de ambas as margens do rio Jordão e a fundação de um estado liberal. Tal corrente era a principal oposição ao sionismo trabalhista⁸ e socialista⁹ (GOLDBERG, 1989). Estes propunham a criação do estado judaico baseado numa economia planificada.

O nome de Aron Neumann¹⁰ apareceu na revista em 19 de agosto de 1943, como novo colaborador, tornando-se redator-chefe em 26 de junho de 1952. Ele permaneceu no cargo até seu falecimento, em 08 de fevereiro de 1973. Em 15 de junho de 1944, surge o novo proprietário e diretor da revista, Leão Padilha¹¹ que permanece no cargo por 29 anos, até 14 de fevereiro de 1973. Os dois levaram adiante a revista e imprimiram suas perspectivas políticas e ideológicas nas páginas da publicação.

O jornalista Henrique Veltman (1998) relata que a revista *Aonde Vamos?* foi o mais extraordinário órgão de comunicação judaica do Brasil durante os anos em que foi editada. Tão importante que, segundo ele, foi o primeiro veículo no país a publicar na íntegra o relatório Kruschev¹² apresentado no XX Congresso do Partido Comunista

⁸ Sionismo trabalhista: corrente do Mapai (Partido dos Trabalhadores da Terra de Israel) - partido político socialdemocrata em Israel fundado em 1930. O sionismo trabalhista foi hegemônico na política israelense de 1948 a 1977, quando houve a ascensão do Likud ao poder. Durante os anos do governo, o Mapai promoveu ampla gama de reformas progressivas, caracterizadas pelo estabelecimento de um estado de bem-estar, proporcionando renda mínima, segurança e acesso gratuito (ou quase gratuito) a subsídios habitacionais e serviços de saúde e sociais.

⁹ Sionismo socialista: corrente do Mapam (Partido Unido dos Trabalhadores) - partido político de Israel fundado em 1948. Inicialmente de inspiração comunista, marxista-leninista, anticapitalista e defensor de manter relações com a URSS. A partir do final da década de 1950, o partido foi mudando, passando a adotar uma linha socialdemocrata e, após a Guerra dos Seis Dias (5 a 10 de junho de 1967), optou pelo Mundo Ocidental.

¹⁰ Aron Neumann nasceu em 1908 em Kempen, na Alemanha, mudou-se para o Chile aos treze anos e com 23 anos veio para o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Tornou-se sionista já adulto, militou no sionismo geral, movimento que surgiu na década de 1920, em Israel, e identificava-se com a crença liberal capitalista oposição do sionismo trabalhista e socialista. Era simpático ao revisionismo sionista. Fundou o Lar da Criança Israelita em 1937, instituição em atividade até os dias de hoje, e foi colaborador de outras instituições judaicas.

¹¹ José Leão Padilha (PI, 1906 – RJ, 1986), era advogado e jornalista, ocupou cargos de importância em vários jornais cariocas. Teve forte vínculo com o político carioca Antônio de Pádua Chagas Freitas, ocupou o cargo de diretor da empresa do político, que era proprietária, entre outros, dos veículos de informação *A Notícia* (RJ, 1894–1930; 1938–1979; 1991–1997) e *O Dia* (RJ, 1951–atual). José Padilha foi concomitantemente diretor da *Aonde Vamos?* e secretário de redação de *A Notícia* e, depois, do *O Dia*.

¹² XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 14 de fevereiro de 1956.

da União Soviética (PCUS), de modo que a primazia não coube ao *O Globo* ou o *Correio da Manhã*.

Em uma matéria sobre a história da imprensa israelita no Brasil, deparamo-nos com a afirmação de que a *Aonde Vamos?* era uma “revista judaica muito polêmica e bastante conhecida na coletividade carioca” (A IMPRENSA..., 1978).

A orientação editorial do semanário, diferentemente da grande imprensa brasileira do período, apresenta versões enriquecedoras sobre as disputas e as escolhas de representações para a consolidação da identidade, sempre tão complexa, dos judeus como cidadãos brasileiros, como cidadãos do mundo e em suas relações transnacionais. Este artigo pretende explicitar as intensas articulações e as trocas entre local e global nessa revista específica que pertencia à comunidade judaica carioca e publicada no Brasil.

CONTEXTO POLÍTICO DA COMUNIDADE JUDAICA APÓS A II GUERRA MUNDIAL

A criação do Estado de Israel significou um ponto de inflexão na trajetória do povo judeu na década de 1950. O impacto desse evento foi sentido em todas as comunidades espalhadas pelo mundo e pelo Brasil, onde viviam quase 70 mil judeus (DECOL, 1999, p. 156).

Grandes transformações ocorreram nesses anos de luta pela ascensão, integração e consolidação da comunidade judaica brasileira. No campo internacional, a luta pelo apoio à criação do Estado de Israel fez-se quase concomitantemente à adoção de uma posição homogênea de algumas correntes com vistas a minimizar as várias tendências ideológicas em prol da consolidação e defesa do novo Estado. A imprensa judaica em língua portuguesa adquiriu nesse contexto um papel fundamental na formação de opinião não apenas dos seus leitores judeus, mas de todos que tivessem interesse na leitura de seus veículos.

Os motivos que levaram à produção, circulação e recepção de impressos não se restringem a um único fator e nem mesmo à manutenção da identidade étnica, envolvem em igual medida os objetivos relacionados às disputas entre posições políticas. Sendo assim, em relação ao Estado de Israel, a revista *Aonde Vamos?* passou a disputar espaço na construção das representações ideológicas e de circulação de ideias com outras publicações mais progressistas, como o jornal *Unzer Stimer* (A Nossa Voz, SP, 1947–1964) e a revista *O Refexo* (RJ, 1947–1955), e com outras perspectivas dentro do movimento sionista, como o *Diário Israelita* (RJ, 1952–1978).¹³

Dina Lida Kinoshita (2000) faz algumas afirmações que colaboram para o entendimento dessa problemática. Segundo a autora, com o fim da Segunda Guerra Mundial surgiu uma grande predisposição à unidade nas comunidades judaicas ao redor do mundo, pois as divergências políticas, as divisões internas e a polarização foram minimizadas. Sionistas e comunistas aproximaram-se e somaram esforços para a concretização do Estado de Israel. Estava claro, contudo, que as motivações

¹³ O jornal *Unzer Stimer* e a revista *Refexo* eram periódicos da comunidade judaica progressista, que não eram sionistas. O *Diário Israelita* de orientação sionista opunha-se à postura de direita e beligerante da revista *Aonde Vamos?*.

eram distintas para cada um desses dois grupos. Enquanto os sionistas, desde o século XIX, vinham em um esforço contínuo para efetivar o retorno do povo judeu à sua terra ancestral e para a recriação do Estado de Israel nos moldes nacionalistas da modernidade, os comunistas e socialistas inseriam essa luta no movimento de autonomia dos povos e na busca pela libertação nacional desse povo específico. Importante ressaltar que, para a URSS e os países do Bloco Comunista, esse era um apoio estratégico no campo geopolítico na região do Oriente Médio. Essa postura pode ser verificada no enfático apoio do Bloco Comunista nas seções da ONU voltadas para à criação do Estado de Israel e pelo aparelhamento de armas, em grande parte vindas da Tchecoslováquia, para o que seria o futuro exército israelense, naquele momento denominado *Haganá* (organização paramilitar judaica do movimento sionista na Palestina, 1920-1948). Apesar dessas ações, os judeus dos países comunistas tinham expectativa e proposta diversificada dos sionistas para a solução da “questão judaica”, pois sonhavam com o renascimento das comunidades judaicas no interior de seus países. Além disso, do ponto de vista ideológico, acreditavam que o socialismo era a solução para as injustiças do mundo contemporâneo para judeus e não judeus.

A simpatia dos judeus de várias correntes ideológicas pela esquerda no imediato pós-guerra, em função da importante atuação da URSS para a derrota da Alemanha, contribuiu para que muitos judeus obtivessem destaque nos Partidos Comunistas após a Segunda Guerra Mundial. No Partido Comunista Brasileiro, Kinoshita cita diversos ativistas, entre eles Salomão Malina,¹⁴ Jacob Gorender,¹⁵ Mario Schenberg,¹⁶ Isaac Scheinvar,¹⁷ Mauricio Grabois,¹⁸ Noé Gertel¹⁹ e Moisés Vinhas²⁰ (KINOSHITA, 2000).

No entanto, esse curto período de harmonização no interior das comunidades judaicas foi seguido pela forte polarização da Guerra Fria. Como consequência, houve o descompasso da aliança entre Bloco Comunista e Estado de Israel, a queda do prestígio da esquerda judaica e a diminuição do número de seus membros. Nos anos 1950, essa mudança de posicionamento explicitou-se na postura unívoca do Estado de Israel de alinhamento ao Bloco Capitalista, que não era tão clara anteriormente, frente às denúncias e ao conhecimento público dos crimes soviéticos no período stalinista, por meio do relatório de Nikita Kruschev no XX Congresso do PCUS. As denúncias abarcavam assassinatos de médicos e escritores soviéticos de ascendência judaica e, também, o processo judicial, com forte caráter antissemita, envolvendo Arthur London, Subsecretário de Relações Exteriores, e Rudolf Slánský, ex-Secretário-Geral do Partido Comunista, ambos da Tchecoslováquia, que foram acusados de espionagem e de serem agentes sionistas. Dessa forma, os judeus vinculados ao

¹⁴ Salomão Malina (RJ, 1922 – SP, 2002) foi presidente nacional do PCB de 1987 a 1991.

¹⁵ Jacob Gorender (BA, 1923 – SP, 2013) foi um historiador e cientista social brasileiro.

¹⁶ Mário Schenberg (PE, 1914 – SP, 1990) foi físico, matemático, político e crítico de arte brasileiro.

¹⁷ Isaac Scheinvar (1925 – 2007), engenheiro, foi membro da direção regional do PCB.

¹⁸ Maurício Grabois (BA, 1912) um dos fundadores do PCdoB (1962). Desaparecido político, mas tudo indica que foi assassinado no Chafurro de Natal, em 25 de dezembro de 1973.

¹⁹ Noé Gertel (SP, 1914 – 2002), jornalista, foi chefe de redação do jornal *Hoje* do PCB e editor de cultura do jornal *Voz da Unidade* do PCB.

²⁰ Moisés Vinhas (RO, 1915 – RJ, 1991) fez parte do Comitê Central do PCB. Foi afastado, em 1983, em função da sua oposição às novas diretrizes do partido.

sionismo de esquerda e posteriormente os judeus socialistas, em boa parte, retiraram-se das organizações do Idisch Kultur Farband (ICUF).²¹

Toda essa conjuntura deslegitimava posições não sionistas e de esquerda e, ainda, houve a tendência de homogeneizar os judeus e o sionismo. Passava-se a imagem de que seriam, os judeus, completamente desvinculados dos movimentos de esquerda e que sionismo se referia a uma única proposta, desqualificando e minimizando suas inúmeras correntes e tendências.

Quanto aos judeus brasileiros, Monica Grin (1997), em artigo que analisa a atuação da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, observa a situação da comunidade judaica no estado nos anos de 1950 e, segundo a historiadora, o quadro político-social possibilitava, naquele momento, a integração dos seus membros, já que, para o grupo não havia do ponto de vista legal ou social maiores entraves à sua ascensão. Diferentemente dos países de origem dos imigrantes judeus, que restringiam os ramos de atividades profissionais e adotavam *numerus clausus* ou *numerus nulus* de judeus nas universidades, o Brasil não impunha restrições ao exercício de ofícios, nem limitava o número de judeus em instituições de ensino. Tal circunstância possibilitou que os filhos dos judeus estabelecidos no Brasil usufruíssem do esforço das gerações anteriores e ingressassem nas carreiras de nível superior sem maiores impedimentos. Também não houve entraves específicos ao ingresso no mercado de trabalho dos novos bacharéis judeus, o que permitiu a ascensão do grupo como um todo.

XX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS

No XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Kruschev, que era o Secretário-Geral do PCUS, apresentou para os delegados soviéticos e para alguns representantes dos partidos das “democracias populares” um relatório sobre a Era Stalin, que ficou conhecido como relatório Kruschev e/ou discurso secreto. Ele marcou uma reformulação do socialismo empreendido pelo Partido Comunista na União Soviética com o abandono das principais posturas do período em que Stalin esteve no poder. O Congresso teve início no dia 14 de fevereiro de 1956, onde Kruschev denunciou o culto à personalidade de Stalin que havia morrido três anos antes. No relatório, Stalin é acusado de uso indevido e indiscriminado de violência, por execuções e por fraudes judiciais, desconstruindo a imagem de herói que a propaganda oficial do governo soviético divulgava no pós-Segunda Guerra Mundial. Contudo, o secretário do partido, no relatório, apesar das críticas, reconheceu que Stalin prestou grandes serviços ao Partido Comunista Soviético e à classe operária e pediu para que as questões discutidas no relatório não fossem divulgadas à imprensa. Contudo, pouco tempo depois de pronunciado o discurso, a imprensa ocidental sabia da notícia e tornou pública parte do documento.

Após a divulgação do relatório, os países do Bloco Soviético começaram a promover mudanças e ajustes. A nível internacional, diversos eventos confirmavam a

²¹ *Idisher Cultur Farband* (ICUF) Associação Cultural Judaica criada em 1937, como desdobramento do Congresso dos Escritores Antifascistas, realizado em Paris no ano de 1935.

existência e o teor do relatório. Alguns exemplos são o início da desestalinização na Polônia, com a reabilitação do ex-líder comunista Gomulka;²² a revolta em Poznam,²³ em abril de 1956; a dissolução do Kominform (1947–1956),²⁴ nos países comunistas da Europa; e a publicação no jornal *Voz Operária* (RJ, 1949–1959; 1964–1980) do PCB sobre a resolução do Comitê Central do Partido Comunista Italiano sobre o XX Congresso, ocorrido em 21 de abril de 1956.

No interior do Partido Comunista Brasileiro o relatório secreto trouxe disputas e profundos debates, inclusive sobre a sua veracidade. Apesar de Luís Carlos Prestes, Secretário Geral do PCB, publicar um artigo onde se referia abertamente ao relatório e apoiava seu teor (PRESTES, 1956), a direção do PCB não se pronunciou oficialmente sobre o assunto e aguardava o retorno do delegado brasileiro enviado ao XX Congresso, Diógenes Arruda,²⁵ para divulgar um informe oficial. Este retornaria ao Brasil em agosto, quando pôde, no Pleno Ampliado do Comitê Central (C.C.) do PCB, confirmar o conteúdo do relatório Kruschev. Em função da profunda crise e tensão causadas, o Pleno foi suspenso e um novo evento foi marcado para meses depois.

O novo Pleno, ocorrido em outubro, foi acompanhado paralelamente por um debate público nas páginas da *Voz Operária*, exigindo a publicação do relatório de forma aberta e democrática para desespero do Comitê Central do PCB. Houve divisão de opiniões: enquanto uns se revoltavam com a indisciplina, outros apoiavam. Apesar da crise, foi elaborado um Projeto de Resolução sobre o atraso nas discussões sobre o XX Congresso do Partido Comunista e a necessidade de democratização do PCB. Foi estabelecida a criação de um debate aberto no V Congresso e o Projeto foi publicado no jornal *Imprensa Popular* (RJ, 1948–1958) do Partido Comunista Brasileiro em 19 de outubro de 1956.

O diretor do jornal *Voz Operária*, Aydano do Couto Ferraz, fez uma denúncia ao Comitê Central do PCB sobre a existência de uma Comissão de Censura das correspondências enviadas ao jornal a mando da direção do partido. Dessa forma, os artigos eram aprovados com bastante defasagem, criando um descompasso na informação. Como resposta, a direção do PCB demitiu o diretor da *Voz Operária* (PERALVA, 1960).

O debate em torno do relatório e os desdobramentos que ele suscitou no PCB agitaram o partido e a imprensa partidária, intensificando-se no ano seguinte de 1957 e gerando o rompimento de líderes como Agildo Barata,²⁶ que teve seu artigo “Pela democratização do partido” proibido de ser divulgado na imprensa pela direção nacional do PCB, e de Osvaldo Peralva,²⁷ decepcionado com o comportamento do

²² Vladislav Gomulka (Krosno, 1905 – Varsóvia, 1982) político, atuou no Partido Comunista da Polônia.

²³ Revolta de Poznań, em 1956, manifestação popular contra o governo da República Popular da Polônia, duramente reprimida pelo governo e deixando grande número de mortos.

= Kominform, organização internacional cuja função era a padronização e o controle do movimento comunista, favorecendo a influência da política soviética nos países comunistas e realizando a uniformização a ação comunista de acordo com seus critérios.

²⁵ Diógenes Alves de Arruda Câmara (PE, 1914 – SP 1979) pertenceu ao PCB e posteriormente ao PCdoB. Foi editor da *Revista Problemas*, da revista mensal de cultura política do Partido, RJ (1937–1939). Na política foi deputado federal por Pernambuco (1935–1937), constituinte (1946), deputado federal por Pernambuco (1946–1970) e deputado federal por São Paulo (1947–1951, PSP).

²⁶ Agildo da Gama Barata Ribeiro (RJ, 1905–1968) esteve vinculado ao do PCB de 1934 a 1957.

²⁷ Osvaldo Peralva (BA, 1918 – RJ, 1992) foi jornalista e escritor, trabalhou como diretor no *Correio da Manhã*, jornalista na *Última Hora* e correspondente na *Folha de São Paulo*. Participou do PCB de

partido. A crise ainda se estenderia, pois, em agosto de 1957, o comitê central afastou da comissão executiva membros considerados “stalinistas”. Somente em março de 1958, o comitê central do PCB definiu nova linha de atuação partidária, marcando o apoio oficial à linha política preconizada no relatório Kruschev.

Um desdobramento desse processo foi a criação de um grupo que discordava da nova orientação defendida por Nikita Kruschev e alinhava-se ao stalinismo, em 1958. Um marco da formação desse grupo stalinista foi a rejeição da Carta dos Cem, assinada por cem militantes do PCB, liderada e escrita por Mauricio Grabois, João Amazonas²⁸ e Pedro Pomar,²⁹ no V Congresso do PCB, em 1960. No ano de 1962, foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que se opunha as reformas preconizadas por Kruschev.

Na União Soviética, o texto original completo do “relatório secreto” foi divulgado em 03 de março de 1989 pelo *Pravda (Verdade, 1912 – atual)*, jornal do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Isso ocorreu durante o período de abertura do regime soviético na gestão do Secretário-Geral da URSS Mikhail Gorbatchov.

A PUBLICAÇÃO DO RELATÓRIO KRUSCHEV NA REVISTA AONDE VAMOS?

É significativo, para a análise das representações do mundo social apresentado pelo *Aonde Vamos?*, nos perguntarmos por que um veículo da comunidade judaica carioca teria o interesse em publicar um relatório secreto apresentado no XX Congresso do Partido Comunista em 25 de fevereiro de 1956. A resposta pode abrir um horizonte sobre os debates e as questões em pauta na comunidade judaica brasileira e mundial do período.

Com o objetivo de verificar o posicionamento e a publicação do relatório em outros periódicos brasileiros da época, foi realizada uma pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional onde descobrimos que o *Jornal do Brasil* (RJ, 1891–atual) publicou um breve comentário sobre o relatório no mesmo dia do XX Congresso do Partido Comunista, em 25 de fevereiro de 1956, e voltou a fazer outro breve comentário no exemplar do dia 30 de março de 1956, não voltando mais a esse tema. A *Voz Operária* (RJ, 1949–1959), Órgão Oficial do Partido Comunista, fez uma chamada na capa e análise com trechos do relatório (A VOZ OPERÁRIA, 1956). O jornal *Última Hora* (RJ, 1951–1991) realizou uma matéria sobre o relatório e comentou que a imprensa conservadora começou a divulgar trechos ou a íntegra do relatório antes mesmo dos jornais e revistas comunistas (PARA ONDE..., 1956), o que contextualiza a publicação do relatório na revista *Aonde Vamos?* e explicita o intenso intercâmbio de

1941 a 1957. Escreveu: *Pequena história do mundo comunista* (Editora do Autor, 1964) e *O espião de Colônia* (Paz e Terra, 1985), entre outros livros.

²⁸ João Amazonas de Souza Pedroso (PA, 1912 – SP, 2002) foi teórico marxista e político revolucionário. Pertenceu ao PCB de 1935 a 1962 e ao PC do B de 1962 a 2001.

²⁹ Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar (PA, 1913 – SP, 1976) integrante do PCB, foi diretor da *Tribuna Popular*, órgão oficial do PCB, de 1945 a 1947 e Deputado Federal por São Paulo (PSB/PCB, 1947). Fundou PC do B, em 1962. Foi assassinado pelos agentes do DOI-CODI/SP, durante de uma reunião do Comitê Central do PC do B, em 16 de dezembro de 1976, no episódio denominado Chacina da Lapa. Foi enterrado sem seu nome no Cemitério de Perus e, em 1980, após identificação foi enterrado pela família em Belém do Pará.

informações e ideias tanto de aliados e quanto de opositores políticos e ideológicos. Dessa forma, confirmamos que nenhum outro periódico no Brasil publicou o relatório secreto na íntegra antes da *Aonde Vamos?*

A revista *Aonde Vamos?*, desde o começo 1956, vinha realizando uma ampla campanha pela busca do paradeiro de escritores judeus desaparecidos e defendendo a tese que a União Soviética era antisemita e perseguiu os judeus soviéticos. A edição de 15 de março de 1956, na seção “Os judeus no Mundo”, fez referências ao relatório no subitem sem autoria intitulado “Os soviéticos confessam a execução dos escritores judeus”. Nele há referência a um artigo no jornal nova-iorquino, em ídiche, *Jewish Daily Forward* (1897 – atual), escrito pelo correspondente Leon Crystal³⁰ — correspondente de renome na imprensa judaica, o que chama a atenção (OS JUDEUS..., 15 mar. 1956).

O jornalista havia viajado para União Soviética e lá obteve informações de que escritores judeus prementes da literatura ídiche foram aprisionados pela polícia secreta na grande onda antisemita de 1948. Essa onda foi deflagrada quando o presidente do Comitê Judaico Antifascista, criado em 1942 com o apoio soviético para divulgar as atrocidades da Alemanha Nazista e, consequentemente, favorecer seus interesses, Solomon Mikhoels,³¹ foi “morto num acidente de carro suspeito” (VEIDLINGER, 2011). O Comitê encontrou documentação do final e posterior à Segunda Guerra Mundial que não reconhecia o assassinato em massa dos judeus, o Holocausto, mas apenas o assassinato dos cidadãos soviéticos. O assassinato de Mikhoels marcou um ponto de viragem na história do judaísmo soviético, assinalando a transição para uma política de perseguições oficiais, com a prisão de numerosas figuras públicas judaicas importantes e pelo fechamento da maioria das instituições judaicas na União Soviética, incluindo o Comitê Judaico Antifascista e o Teatro Estatal Ídiche de Moscou, além da promoção de intensa propaganda estatal contra os “cosmopolitas sem raízes” (OS JUDEUS..., 15 mar. 1956). Segundo Leon, alguns presos foram executados em 1952, outros libertos depois da morte de Stalin, em 1953, e outros permaneciam desaparecidos.

A edição seguinte, com o título: “Os que sucumbiram – Destino dos Intelectuais Judeus” (RABINOVITZ, 1956), de autoria de Ezekiel Rabinowitz,³² fez uma análise do artigo publicado por Leon Crystal. Antes do texto, há uma N. da R. (Nota da

³⁰ Leon Crystal (1894–1959) nasceu na Ucrânia, foi para os Estados Unidos quando tinha vinte anos, estudou engenharia, mas se interessou pelo teatro judaico, traduziu peças de Liev Tolstói, Molière e outros autores para o *Yiddish Art Theatre*. Em 1919, tornou-se gerente do *Yiddish Art Theatre* até 1922, quando foi para o *Jewish Daily Forward* como repórter e redator. Nos últimos anos era o correspondente das Nações Unidas do *Forward*. É autor de uma biografia do presidente Roosevelt e de um livro sobre o escritor russo Leon Tolstoy, ambos em ídiche.

³¹ Solomon Mikhoels (1890–1948), ator ídiche, diretor do Teatro Estadual *Yiddish* de Moscou e presidente do Comitê Judaico Soviético Antifascista. Foi assassinado em Minsk em 1948 por ordem de Stalin.

³² Ezekiel Rabinowitz (Imp. Russo, 1892 – EUA, 1982) foi líder do movimento *Tseire-tsiyon* (juventude sionista), cofundador da Agência Telegráfica Judaica (JTA) com Meyer Grosman. Publicou artigos no *Yudishes vokhnblat* (Jornal Semanal Judeu), *Tog* (Dia), *Tog-morgn-zhurnal* (Diário da manhã), no *Idisher kemfer* (Lutador judeu) e *Dos idische folk* (O povo judeu) de Nova York e *Moment* (Momento), *Unzer leben* (Nossa vida) e *Hatsfira* (A sereia) de Varsóvia. Editou o jornal *Tseire-tsiyon Farn folk* (Para o povo) entre 1925 e 1927. Traduziu escritos do Theodor Herzl para o ídiche: *Gezamle shriftn* (Escritos coletados), Nova York: *Literarishe farlag*, 1920, 2 v. Autor de dois livros: *Justice Louis D. Brandeis, the zionist chapter of his Life*. Nova York: New York Philosophical Library, 1968; *Os judeus: Seu sonho de Sião e o Departamento de Estado*. Nova York: Vantage Press, 1973.

Redação) informando que, no final de 1948 e início de 1949, houve uma intensa onda de antisemitismo, quando a editora, os jornais, as revistas e os teatros em ídiche de Moscou, Minsk, Birobdjan e outras localidades foram fechados e muitos críticos, dramaturgos e intelectuais de origem judaica foram presos e perderam seus empregos. Afirma, ademais, que os judeus tinham provocado a ira de Stalin quando membros do Comitê Judaico Antifascista russo denunciaram a cumplicidade de muitos soviéticos no assassinato de judeus pelos nazistas. Stalin teria iniciado uma campanha antisemita, agravada pelo entusiasmo dos judeus russos com a criação do Estado de Israel. Conclui que, naquele momento, muitos judeus russos queriam emigrar para Israel e que estes tinham muito interesse pelas “coisas judaicas” (RABINOVITZ, 1956).

O artigo de Rabinovitz apresenta alguns antecedentes da revelação do destino dos escritores judeus: em 1955, um membro do Comitê Trabalhista Judaico queria informações do paradeiro dos líderes e escritores judeus na União Soviética, dirigindo-se ao embaixador soviético nos Estados Unidos. Na ocasião estava presente Viatcheslav Molotov (1890–1986), ministro de Relações Exteriores da URSS (1939 a 1949 e 1953 e 1956), que demonstrou interesse permitindo que uma delegação americana investigasse a situação. Porém, posteriormente, retirou a permissão. Outro evento citado por Rabinovitz foi quando o escritor judeu ucraniano Ilya Ehrenburg³³ participou como delegado da conferência de intelectuais europeus e foi interrogado sobre o desaparecimento de judeus na União Soviética. Na ocasião, o escritor ficou ofendido com as perguntas, disse que não se interessava pelos judeus e era antissionista. O artigo então faz uma dura crítica à já conhecida postura do escritor representante da linha e do esquecimento oficial do partido sobre os desaparecidos. O artigo enfatiza a contribuição dos judeus intelectuais na luta revolucionária no período da Guerra Civil Russa, entre 1918 e 1921, e em outras batalhas, além da contribuição na construção da literatura soviética, que eram de conhecimento público, na década de 1920. Pergunta também onde estarão esses escritores amplamente elogiados nesses últimos 25 anos e cita um artigo publicado pelo Dr. Raphael Shpan³⁴ no jornal vienense *Die Worschen Presse* (A Imprensa Semanal) sobre os dilemas dos judeus na União Soviética. Segundo o artigo, todo o Comitê Judaico Antifascista, com exceção de Ilya Ehrenburg, foi preso e o único crime era serem judeus. Informa também que a esposa de Molotov era judia, o que, segundo o jornal, foi o motivo para, a princípio, concordar com a investigação, sendo que o artigo termina com a pergunta: “O que o teria feito mudar de ideia?” (RABINOVITZ, 1956).

A revista vai sistematicamente ampliando as matérias, dando cada vez mais espaço ao tema dos judeus perseguidos e do antisemitismo generalizado na União Soviética. A tradução de matérias de jornalistas judeus e da imprensa judaica internacional era uma prática recorrente, mas a temática estava mais voltada para as análises das revelações e desdobramento que se seguiram à descoberta proporcionada pelo relatório. Em muitos artigos, juntamente com a tradução dos artigos internacionais, constava uma N. da R. (Nota da Redação) com uma introdução ao tema, que nunca era assinada, mas muito provavelmente eram escritas por Aron Neumann.

³³ Lya Grigoryevich Ehrenburg (Kiev, 1891 – Moscou, 1967) escritor e jornalista de origem judaica. Recebeu o Prêmio Stalin de Literatura, em 1942 e 1948, e o Prêmio Internacional Lenin da Paz em 1952.

³⁴ Nada foi encontrado sobre Raphael Shpan.

No exemplar de 19 de abril de 1956, encontramos, na segunda capa e na página 24, a matéria *A situação dos judeus russos* de Joel Cang (1956)³⁵ comentando as denúncias do relatório Kruschev. Na seção “Os Judeus no Mundo” no item “A grande revolta – mistificação?” (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956), sem autoria, comenta-se que os judeus encontraram consolo do 20º Congresso do Partido Comunista. Essa afirmação teve como base o artigo “Nossa dor e nossa consolação”, publicado no jornal oficioso bilíngue ídiche e polonês, de Varsóvia, *Folk Stimme (Voz do Povo*, 1946–1991), que também não era assinado, e a revista *Aonde Vamos?* sugere que foi publicado por ordem do Partido Comunista. O artigo culpa Lavrenti Beria³⁶ por todos os males causados aos judeus nos últimos decênios, relacionando uma longa lista de judeus ilustres que foram executados. No entanto, cita que os judeus da Polônia acusam a imprensa norte-americana e europeia de se aproveitar da tragédia dos judeus para distorcê-las. No subitem “Da Prisão a Universidade” (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956), comentou que vários judeus presos durante esses períodos estavam agora em liberdade e na mesma seção, no subitem “Outras Libertações” (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956), relatou que na Hungria foram soltos os judeus, líderes sionistas, acusados de espionagem; que estavam presos mais 60 intelectuais judeus desde 1918; e que havia o interesse em abrir um Teatro ídiche do Estado e outras ações culturais neste sentido. Ainda na mesma seção, em outro subitem, “A Imprensa Comunista Através do Mundo”, afirma que a imprensa comunista, judaica e não judaica, recebeu ordem para criticar as perseguições aos judeus (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956).

Nessa mesma seção, encontramos as seguintes informações: o diário *Daily Worker* (1924–1958), publicado na cidade de Nova Iorque pelo Partido Comunista dos EUA, admitiu que houve perseguição aos judeus na União Soviética, no governo de Stalin, e condenou o fato. O diário pró-comunista *Morning Freiheit* (1929–1988), em ídiche de Nova Iorque, pediu em seu editorial que o governo soviético explicasse publicamente para a comunidade judaica soviética o que realmente aconteceu e publicasse a lista dos judeus desaparecidos presente no artigo do *Folk Stimme*, de Varsóvia. A seção também cita a matéria realizada pelo *New York Times* sobre as perseguições aos judeus, que já haviam sido anteriormente abordadas e duramente criticadas pelos jornais de Moscou. E o *Times* (1785–atual) de Londres publicou no subitem “Stalin e os Judeus” que Stalin tinha se tornado intensamente antisemita, mas não recebeu apoio dos outros líderes soviéticos.

A tradução e publicação da imprensa internacional não se restringia aos aliados políticos e ideológicos. Não havia restrições, mas amplo espaço para a imprensa comunista quando esta mantinha uma postura que corroborava com as prerrogativas da *Aonde Vamos?*. Importante ressaltar o papel da imprensa ídiche internacional como difusora de informações, viabilizando, inclusive o acesso às matérias publicadas na imprensa oficiosa dos países do Bloco Comunista, como a Polônia.

³⁵ Joel Cang (Polônia, [1897 ou 1899] – Grã-Bretanha, 1974) jornalista e escritor. Foi correspondente de Varsóvia do *News Chronicle* (GB, 1930–1960) e do *Manchester Guardian* (1821–1959) e, em 1927, começou a escrever para o *Jewish Chronicle* (1842–2020), principal jornal da comunidade judaica britânica e o mais antigo jornal judaico publicado continuamente no mundo. Foi editor do jornal *The City and East London Observer* (1928–1944).

³⁶ Lavrenti Beria (Geórgia, 1899 – URSS, 1953) político soviético e chefe da polícia secreta na URSS (1929–1953).

Na edição de 21 de junho de 1956, começou a publicação do relatório Kruschev, que seria dividido e publicado em partes, nas edições seguintes, respectivamente: 28 de junho e 05, 12, 19 de julho, ocupando em média a segunda capa e mais cinco páginas do periódico. Na edição que começou a publicação do relatório, na segunda capa, há um texto intitulado N. da R. (Nota da Redação), onde o periódico apresenta sua visão do documento, sua importância sem precedentes na história, pois desmascara em parte “o clima de barbaridade que prevaleceu por trás da Cortina de Ferro” (NOTA..., 1956). Enfatiza que o relatório “exclui todas as facetas antisemitas do regime comunista na Rússia e suas consequências em vários países europeus” (NOTA..., 1956). Ainda na mesma N. da R. identifica-se como “cidadão do mundo livre” e que o documento só confirma tudo que pensava sobre Stalin. Considera que os judeus, na URSS, que eram simpatizantes do regime, apoiavam-no em prejuízo aos interesses judaicos e humanitários. Construía, dessa forma, um antagonismo entre judaísmo/ humanismo, de um lado, e, do outro, o regime da União Soviética. A nota cita Horward Fast (1914–2003), romancista e escritor de televisão, que na década de 1950 trabalhava no jornal comunista *Daily Worker*, e recebeu o Prêmio Stalin da Paz em 1953, mas acabou rompendo com o Partido Comunista quando da divulgação do relatório de Nikita Kruschev. Fast é classificado pela revista como “adorado pelo movimento *halutziano*³⁷ de extrema esquerda” (NOTA..., 1956), tendo publicado um artigo no *Daily Worker* criticando a ausência da denúncia da perseguição aos judeus no relatório Kruschev, ressaltando que era um péssimo sinal e concluía que o relatório não era vitória nenhuma se continuava a negar direitos de seus cidadãos judeus.

A revista *Aonde Vamos?* ao publicar as denúncias legitimou e reconheceu o relatório Kruschev, ao mesmo tempo enfatizando para seu público leitor uma polarização entre o governo soviético e o “mundo humanizado” (NOTA..., 1956), impossibilitando seu público brasileiro de ficar impactado e ver com bons olhos essa nova fase da liderança comunista. Impediu, dessa forma, a associação do judaísmo e dos judeus com o comunismo. Procurou enfatizar também a falta de reconhecimento da perseguição aos judeus pelo governo soviético no documento. O relatório veio, desse modo, somente confirmar o que a revista já vinha afirmado em sua campanha desde o começo do ano e reforçou sua postura política ideológica anticomunista.

No exemplar de 12 de julho de 1956, além das seis páginas do relatório Kruschev encontramos, na seção *Judeus e o Mundo* (OS JUDEUS..., 12 jul. 1956), várias matérias, sem autoria, referentes ao tema, como a intitulada: “Krushev e o antisemitismo” (OS JUDEUS..., 12 jul. 1956), que agora acusava o secretário do partido Comunista e formulador do relatório de ser o responsável pela onda de perseguições aos judeus nos países da Europa Oriental, baseado numa acusação que saiu no *New York Times* (1851– atual). O artigo afirmava que Kruschev, quando foi primeiro-ministro da Ucrânia, prejudicou os judeus proibindo-os de atuar em cargos do alto escalão; de manterem escolas, teatros e editoras judaicas; e de usarem o ídiche, além de ser conivente com a irrupção antisemita de Kiev. Além disso, o secretário do partido numa ida à Polônia fez comentários negativos sobre o excesso de judeus no comando do partido naquele país. Reiterou que Kruschev era mais antisemita que Stalin e que a sinagoga de Losz havia sido profanada. Na mesma seção, há

³⁷ Movimento *halutziano* era um movimento que pregava a imigração dos judeus a sua terra considerada ancestral, para se estabelecerem em colônias coletivas cooperativistas, os *kibutzim*.

outra matéria com o mesmo teor, sem autoria, com o título *Comunistas judeus atacam Krushev (OS JUDEUS..., 12 jul. 1956)*, que abordou a acusação pública do suposto antisemitismo do secretário do partido vindo de membros dos partidos comunistas do EUA e do Canadá, cobrando explicações e o reconhecimento da destruição da cultura judaica e de seus intelectuais na Rússia nos últimos anos da década de 1940.

Uma narrativa que fornece uma perspectiva contrastiva da *Aonde Vamos?* dentro da própria comunidade judaica pode ser encontrada no semanário *Unzer Stimer (Nossa Voz, 1947–1964)*, bilíngue ídiche e português, produzido pelos judeus progressistas da comunidade de São Paulo, do Instituto Cultural Israelita Brasileiro – ICIB, conhecido como Casa do Povo. Na edição de 17 de fevereiro de 1956, o *Unzer Stimer* publicou a matéria “Reforço da Política Pacifista”, dedicada ao XX Congresso do PC da URSS. Nela informam que o congresso contou com “a presença de 1.600 delegados e altas personalidades do governo soviético e PC” (REFORÇO..., 1956). E, também, que a ordem do dia e o relatório do secretário geral levaram cerca de seis horas para serem apreciados, pois houve um relato detalhado sobre a política pacifista externa soviética; o êxito das forças da paz, que tornaram a guerra evitável; e a situação da URSS rumo ao comunismo. O jornal mostrou-se otimista com o congresso, pois a “linha política, daquele país, tem sido a barreira oposta à orientação *Dullesiana* de tentar levar o mundo ‘ao abismo da guerra’” (REFORÇO..., 1956). Por orientação *Dullesiana*, o jornal referiu-se à política de John Foster Dulles (1888–1959), diplomata americano republicano, que foi Secretário de Estado dos Estados Unidos sob o presidente Dwight D. Eisenhower, de 1953 a 1959. Ele foi uma figura proeminente no início da Guerra Fria defendendo uma postura agressiva contra o comunismo em todo o mundo e ameaçando a União Soviética contra qualquer agressão que podia desencadear uma guerra nuclear.

A revista *Aonde Vamos?* e o seu redator-chefe Aron Neumann são citados com frequência no *Unzer Stimer*, sempre de forma negativa e com toques de ironia. Como, por exemplo, na seção *Pela Imprensa – Novos Pontífices da Política Nacional* (PELA IMPRENSA..., 18 dez. 1956), em que se lamenta as tendenciosas análises da revista *Aonde Vamos?*, que além de se considerar especialista nas questões do Oriente Médio, também começava a emitir opinião sobre o que pensam os comunistas brasileiros, afirmando que são todos contra Israel e a imigração judaica para o Brasil. Depois de argumentar que a revista tinha pleno conhecimento das posições de inúmeros comunistas brasileiros, inclusive muitos deles judeus, e elas não coincidiam com o publicado na revista, a seção terminava com a pergunta “Aonde vai a ‘Aonde Vamos?’, afinal?” (PELA IMPRENSA..., 18 dez. 1956).

Na edição 03 de junho de 1956, na seção *Pela Imprensa – Objetivos e Critérios de Certa Imprensa* informa “A revista ‘Aonde Vamos?’ iniciou a publicação do relatório de Kruschev sobre Stalin” (PELA IMPRENSA..., 03 jun. 1956). O jornal critica a publicação do relatório, pois a intenção da revista não era apresentar para o seu público sobre os erros que podem ser cometidos quando os princípios são esquecidos ou evidenciar a sinceridade da liderança soviética no intuito de melhorar sua sociedade realizando autocritica inclusive às suas lideranças, como Stalin. Igual, neste sentido, as intenções da revista às de Foster Dulles, que tentou encobrir a importância e as questões do congresso, como a necessidade de evitar a guerra, o que certamente é de interesse do público da revista. Critica, ademais, a afirmação da revista de que está preocupada com seus irmãos que “sentem o chão fugir-lhes debaixo dos pés” (PELA IMPRENSA..., 3 jun. 1956), mas não se dá conta de que a

denúncia do culto da personalidade, da violação da legalidade socialista e o debate sadio e bem-intencionado desses assuntos iria inevitavelmente fortalecer o regime socialista e a paz mundial. Termina com a pergunta: “o chão fugirá debaixo dos pés de Kruschev ou da bomba atômica?” (PELA IMPRENSA..., 3 jun. 1956).

CONCLUSÃO

O relatório Kruschev parece não ter mobilizado a imprensa nacional, mas causou fortes reações nos grupos militantes à direita e à esquerda. Os países do Bloco Soviético viram-se na obrigação de um posicionamento frente às revelações e às novas diretrizes do PC da URSS sob comando de Kruschev. No Brasil, como foi abordado, houve a demora do debate público que causou reações e rupturas dividindo o PCB em dois partidos, com a saída de alguns membros e a criação do PC do B.

O Bloco Capitalista, por sua vez, adquiriu um documento legítimo e oficial utilizado amplamente pela propaganda anticomunista, que contribuiu para a justificação de sua política global denominada *contenção*. Esta era uma política norte americana de amplo espectro, abarcando ações estratégicas militares, econômicas e diplomáticas, cujos objetivos eram impedir a divulgação e a influência do comunismo nas Américas. Evitando, dessa forma, um “efeito dominó” da expansão da influência da União Soviética.

A revista *Aonde Vamos?*, ao analisar e trazer para seus leitores as conjunturas e debates sobre o relatório Kruschev, realizou uma verdadeira avalanche de informações que corroboram com a campanha já em curso sobre o desaparecimento dos escritos judeus, buscando enfatizar a sua defesa em prol da afirmação do caráter antisemita do governo soviético. Para tal, vale-se amplamente da imprensa internacional, inclusive da comunista, judaica ou não. Esse diálogo transnacional exerceu uma função legitimadora na construção ideológica e narrativa do periódico, revelando o intenso intercâmbio dessa imprensa que chegava ao Brasil e a existência de uma grande rede de mediadores culturais, que militavam e utilizavam as informações para as construções de suas plataformas políticas e ideológicas, no caso anticomunista, e vendiam-nas para o público.

Levando em consideração que a imprensa não só informa, mas cria relevância, hierarquiza, coloca pautas em questão, ou seja, constrói referências e representações que serão absorvidas ou não de acordo com a concordância de interesses e intenções de determinados grupos, a revista *Aonde Vamos?* considerou relevante e pertinente a tradução e publicação do relatório Secreto nas suas páginas e ainda disponibilizou outros espaços para artigos autorais de jornalistas de renome internacional para complementar sua visão. Totalmente inserida no debate veiculado na imprensa mundial polarizado no período da Guerra Fria, a revista mostrou-se conectada à brigada anticomunista.

Como nos informa Monica Grin (1997), em seu estudo, na década de 1950 os judeus estabelecidos no Brasil, de maneira predominante, puderam integrar-se à sociedade, o que proporcionou uma ascensão social significativa ao grupo como um todo. Esse processo, contou com fortes lutas pela construção das representações, impressões e marcas que o grupo gostaria de imprimir a si mesmo e de ser identificado pelos outros. Como podemos verificar pelas páginas da revista, essa era

uma preocupação que não estava limitada aos judeus brasileiros, mas estava inserida dentro de um amplo debate das lutas das narrativas no contexto global.

REFERÊNCIAS

A IMPRENSA judaica. *Revista Shalom*, São Paulo, 1 jul. 1978.

CANG, Joel. A situação dos judeus russos. *Aonde Vamos?* Rio de Janeiro, 19 abr. 1956.

DECOL, René. *Imigrações urbanas para o Brasil: O caso dos judeus*. 1999. 250 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: Estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008.

GOLDBERG, David. *Os judeus e o judaísmo: História e religião*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

GRIN, Monica. Diáspora minimalista: A crise do judaísmo moderno no contexto brasileiro. In: SORJ, Bila. *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 103-124.

KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais. *Revista Universum*, Talca, n. 15, p. 377-398, 2000.

NOTA da redação. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1956.

OS JUDEUS no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1956.

OS JUDEUS no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1956.

OS JUDEUS no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1956.

PARA ONDE vai o comunismo? *Última Hora*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1956.

PELA IMPRENSA – novos pontífices da política nacional. *Unzer Stimer*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1956.

PELA IMPRENSA – objetivos e critérios de certa imprensa. *Unzer Stimer*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1956.

PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1960.

POLÍCIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL (PMDF). Caso Aron Neumann, Relatório de Melo (Chefe Supremo do Serviço Secreto) [confidencial]. 7 p. Rio de Janeiro (D.F.), 28

de novembro de 1943. *Arquivo Virtual sobre o Holocausto e Antissemitismo (Arqshoah)*, São Paulo [online]. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/arquivo/505-ark-495-relatorio-sobre-o-caso-aron-neumann-ainda-incompleta>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PRESTES, Luís Carlos. O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética: Importância de seus trabalhos e decisões para a luta de nosso povo pela paz, pelas liberdades e pela independência nacional. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1956.

PROJETO de resolução do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 19 out. 1956.

RABINOVITZ, Ezekiel. Os que sucumbiram: Destino dos intelectuais judeus. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1956.

REFORÇO da política pacifista. *Unzer Stimer*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1956.

RESOLUÇÃO do Comitê Central do Partido Comunista Italiano. *Voz Operária*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1956.

VEIDLINGER, Jeffrey. Mikhoels, Solomon Mikhailovich. *YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe* [online], 2 jan. 2011. Disponível em: https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Mikhoels_Solomon_Mikhailovich. Acesso em: 8 jun. 2021).

VELTMAN, Henrique. *A história dos judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1998.

NOTAS DE AUTOR

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Dr. Francisco Maniglia, 2466, apto 03, 14409-102, Franca, SP, Brasil.

ORIGEM DO ARTIGO

Desenvolvido parcialmente e incluído no projeto apresentado para o ingresso no doutorado na UNESP em 2019.

AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães minha orientadora, Luiz Carlos Furtado e Juliana Rapoport Furtado pela leitura e comentários

FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

LICENÇA DE USO

© Lucia Chermont. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

HISTÓRICO

Recebido em: 6 de novembro de 2020

Aprovado em: 9 de maio de 2021

Como citar: CHERMONT, Lucia. A revista *Aonde Vamos?* publica o relatório Kruschev. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 308-326, maio/ago. 2021.

